

Punição exemplar para candongueiros

Candonga

25
1
83

— apelo lançado na reunião de balanço do Comité da Cidade do Maputo

Um apelo da população da capital do País para que sejam aplicados castigos exemplares aos candongueiros, contrabandistas e outros marginais, que cometem graves crimes contra a segurança e a economia nacionais, foi feito no último sábado durante a reunião de balanço do Comité da Cidade do Partido Frelimo, realizada no Centro Cultural dos Estivadores do Xipamanine. O 1.º Secretário do Comité da Cidade, Jorge Rebelo, que dirigia a reunião, em que participaram mais de três centenas de pessoas, entre secretários das Células do Partido e dos Gru-

pos Dinamizadores, e representantes das Organizações Democráticas de Massas ao nível das bases, disse que o Partido Frelimo iria estudar as medidas a aplicar contra os bandidos que, desarmados, actuam nas cidades, ao mesmo tempo que estabeleceu, como ponto obrigatório da agenda de trabalhos da próxima reunião de balanço, a divulgação de uma informação sobre a situação dos candongueiros, contrabandistas e outros marginais presentemente a contos com a Justiça.

O apelo foi feito em nome de todos os presentes, por Aurélio Manhiça, Secretário do Círculo do Xipamanine. As suas palavras foram sublinhadas por uma prolongada salva de palmas por parte dos participantes — representando a totalidade dos bairros da capital — e segundo foi afirmado, reflectem uma exigência da população de Maputo.

Aurélio Manhiça afirmou que toda a população tem acompanhado de perto as medidas punitivas que foram recentemente aplicadas contra alguns dos bandidos armados capturados pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM). O Secretário do Círculo do Xipamanine disse que o julgamento público, a condenação e a consequente execução desses bandidos armados, durante os comícios populares de Macia e de Magde, são medidas consideradas exemplares e indispensáveis para acabar com os bandidos armados que actuam no nosso País, criados financiados e manipulados pela África do Sul.

O Secretário do Círculo do Xipamanine acrescentou que a aplicação dessas medidas punitivas fora recebida com alegria e entusiasmo por toda a população. Mas, salientou, os candongueiros, os contrabandistas e outros marginais, prolongamento dos bandos armados nas nossas cidades, deviam ser também exemplarmente punidos.

PARA UMA PUNIÇÃO EXEMPLAR

— Isto não significa que eles deviam ser executados — disse — Mas o Partido e o Estado deveriam determinar que eles sejam objecto de penas e castigos mais significativos e pesados do que aqueles que presentemente são aplicados.

— O que queremos é que eles sejam exemplarmente castigados. O que queremos é que nos digam qual o castigo que é aplicado a este ou aquele indivíduo, que é publicamente apresentado, pois não sabemos se ele ainda está na cadeia, se foi ou não condenado.

A intervenção de Aurélio Manhiça era frequentemente interrompida com salvas de palmas que marcaram o facto de ele estar a reflectir nas suas palavras preocupações comuns a toda a população.

— Não pode haver contempções, nem clemência com os bandidos. Temos de exercer o nosso poder contra aqueles que nos violam, que nos matam, que nos roubam, que nos exploram. A candonga atingiu proporções graves e há que ter consciência de que, nos circuitos legais de comércio, deve haver elementos infiltrados, que desviam produtos.

Aurélio Manhiça explicou depois que, havendo deficiências na produção nacional de determinados artigos de primeira necessidade, o Governo é obrigado a recorrer à importação dos mesmos, para abastecer o mercado.

— Procuramos que cada família tenha um pouco desses produtos. Sabemos que o que é distribuído não é suficiente. Mas o pouco que temos, representa sacrifício do nosso povo. Os produtos são comprados no estrangeiro com as divisas, que poderiam ser utilizadas na compra de outras coisas essenciais e de que precisamos. Mas é para comprar comida e essa comida, esses produtos andam na candonga e nós não os vemos nas nossas cooperativas e nas lojas. Além da candonga, esses indivíduos atentam contra a nossa economia, pois roubam as nossas divisas — afirmou

o Secretário do Círculo do Xipamanine.

O conteúdo da sua intervenção representa, na verdade, uma preocupação da população. Aurélio Manhiça explicou, de forma objectiva, esta preocupação na reunião de sábado:

— Temos feito um certo trabalho nos bairros com auxílio da vigilância popular e temos detectado alguns candongueiros com provas concretas, ou seja em flagrante delicto. Nestas reuniões de balanço, trazemos esses candongueiros e são aqui apresentados. Não é um problema só do Xipamanine, mas da cidade inteira. A apresentação dos candongueiros mostra que não estamos a dormir e até serve de estímulo para intensificar o nosso combate.

O Secretário do Círculo do Xipamanine disse que, depois da apresentação, esses bandidos são entregues às autoridades para serem encaminhados para os Serviços de Justiça, E adiantou:

— Mas nós nunca mais sabemos nada sobre eles. Não somos depois informados do que se passa. Não sabemos se esses indivíduos estão presos, se foram julgados ou não. As vezes, sabemos que os tribunais aplicaram penas que na realidade são muito ligeiras, que não castigam como deve ser o crime que é cometido. Outras vezes até entregamos um bandido e, no dia seguinte, ele aparece no bairro, ameaçando elementos das nossas estruturas. Para mim, deve haver algumas infiltrações em certas estruturas da Justiça. Por isso, apelamos ao Partido para que actue junto dos Serviços de Justiça, no sentido de se analisar convenientemente este problema e nos dê uma resposta.

A RESPOSTA VIRA NA PRÓXIMA REUNIÃO

O apelo do Secretário do Círculo do Xipamanine, sublinhado pela mais prolongada salva de palmas da tarde, encontrou eco junto da mesa que dirigia os trabalhos desta reunião de ba-

lanço do Comité da Cidade: na próxima reunião de balanço será apresentada uma informação sobre este assunto, anunciou o 1.º Secretário do Comité da Cidade, Jorge Rebelo.

Num contacto efectuado na tarde de ontem com Aurélio Manhiça, a propósito da sua intervenção de sábado, ele começou por frisar a importância da decisão então tomada:

— Desde que realizamos estas reuniões de balanço muitas das nossas preocupações, dos nossos problemas não ficam sem resposta. Isto estimula-nos. Nós preferimos falar dos nossos problemas nestas reuniões, e não apenas fazer relatórios para enviar para a sede do Comité da Cidade. Deste modo, sabemos que o Partido e o Governo vão agir imediatamente.

Aurélio Manhiça, especializado em fumigações, era funcionário dos Serviços de Saúde dos Caminhos de Ferro, à data das nacionalizações, em 24 de Julho de 1975. Então, transitou para os quadros do Ministério da Saúde e, desde 1977, trabalha no Centro de Profilaxia e Exames Médicos do Maputo, na qualidade de técnico de fumigações. Desde finais do ano passado que está afecto a tarefas a tempo inteiro no Círculo do Xipamanine, onde decorre um processo de organização do bairro.

ALGUNS DOS CASOS A CONTAS COM A JUSTIÇA

No encontro tido com a nossa reportagem, Aurélio Manhiça referiu ainda alguns dos casos de candongueiros, contrabandistas ou marginais apresentados publicamente, após detectados pelas populações dos bairros, mas sobre os quais, posteriormente, não houve qualquer informação.

Frisou também, de novo, o facto de que as populações se interrogam sobre isso e que a ausência de resposta poderia levar a uma certa desmobilização. Entre os casos que descreveu, e que deverão constar no relatório em preparação, contam-se os seguintes:

● FERNANDO DE JESUS FERREIRA, indiciado de fortes ligações com a rede contrabandista de camaráo e pedras semi-preciosas para países vizinhos, chefiada pelo comerciante Gulamo Nabi, a contos com a Justiça. Há fortes suspeitas de que Ferreira tenha actuado por «procuração» de Nabi, mesmo estando este detido.

● MANUEL BAPTISTA MORAIS, proprietário do restaurante «Minho» em Maputo, suspeito de crime de contrabando de aparelhos de televisão e de ar-condicionado para países vizinhos.

● MUCATE MASSANGO LUIS, desempregado, indiciado de crimes de roubo e assalto à mão armada. Há fortes suspeitas do seu envolvimento em furtos de aparelhos de televisão. Há indícios de que MANUEL BAPTISTA MORAIS tenha actuado como seu receptor, revendendo os referidos aparelhos por importâncias que variam entre os 300 e os 400 contos cada.

● CAROLINA TOVELA E ROSITA, indiciadas de crime de candonga. Foram detectadas em flagrante delicto, na posse de 72 sacos de amendoim, 35 sacos de arroz, 21 sacos de açúcar e 1025 litros de óleo vegetal. Apurou-se que as duas poderiam ter subornado um funcionário da Empresa de Abastecimento do Maputo, pelo que o camião que transportava aqueles produtos para uma cooperativa de consumo, teria sido desviado do seu trajecto e os produtos teriam sido descarregados na residência de Carolina Tovela e de Rosita.

● EUGÉNIO FRANCISCO SIMBINE, indiciado de crime de candonga, quando detectado em flagrante delicto na posse de 23 sacos de arroz de semente, provavelmente furtados da Machamba Estatal «25 de Junho» na Moamba.

— Por isso, apelamos ao Partido para que defina medidas. É preciso que os candongueiros, os contrabandistas e outros marginais, que são o prolongamento dos bandidos armados, sejam exemplarmente castigados. Não estamos a exigir que sejam executados, se bem que alguns tenham cometido crimes bastante graves — disse-nos Aurélio Manhiça.